

## WATZLAWICK, BEAVIN E JACKSON: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS SESSÕES DE MUSICOTERAPIA COM A CRIANÇA AUTISTA

Mt. Wanderley Alves Junior<sup>33</sup>

**Resumo:** Este estudo apresenta alguns aspectos importantes a serem observados durante uma sessão de musicoterapia com a criança autista, tendo como base para tal, o Modelo Benenzon de Musicoterapia e a teoria da comunicação de Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson, com alguns de seus conceitos: mensagem, comunicação, interação, comunicação digital e analógica.

**Palavras-chaves:** Autismo, Comunicação, Musicoterapia.

**Abstract:** This study presents some important aspects to be observed during a music therapy session with an autistic child, based on Benenzon Model and a Paul Watzlawick, Janet Beavin and Don Jackson's theory of communication, with some of their concepts: message, communication, interaction, digital and analogical communication .

**Key words:** Autism, Communication, Music Therapy

### Introdução

As seguintes páginas resumem quatro longos e árduos anos de reflexão, dúvida, desejo, insegurança, medo e vários outros sentimentos que experienciei no transcorrer do curso de graduação em musicoterapia. Não foi fácil – e nem seria gratificante – enfrentar todos os desafios que surgiram

durante minha inicial trajetória na profissão, entre eles, a realização deste trabalho.

Durante este percurso, naturalmente, fui capturado por uma área fascinante e misteriosa: o autismo infantil. Iniciei a partir de então um estudo contínuo sobre o assunto.

No ano de 2003, encontrei no Modelo Benenzon de Musicoterapia (MBMT) a segurança necessária para maior entendimento da prática clínica. A partir de então minhas convicções a respeito de toda filosofia e ideologia do modelo começaram a se solidificar.

Dentre as diversas teorias que embasam o MBMT, encontra-se a teoria da comunicação de Paul Watzlawick que, juntamente com Janet Beavin e Don Jackson, publicaram a obra “Pragmática da Comunicação Humana (1998)”.

Nesta obra, postularam a impossibilidade do ser humano não se comunicar, abrangendo os conceitos de *mensagem, comunicação e interação*. Descreveram também sobre *comunicação digital e analógica*, sendo a última de grande importância para a musicoterapia.

Partindo dos termos citados acima, o presente estudo apresentará aspectos importantes a serem observados durante a segunda etapa do trabalho musicoterapêutico com a criança autista, intitulada *comunicação*.

### A Impossibilidade de Não se Comunicar

Watzlawick, Beavin e Jackson (1998), pesquisadores do instituto de pesquisa mental de Palo Alto, Califórnia, afirmam que existe uma propriedade básica do comportamento que é frequentemente menosprezada: o comportamento não tem oposto, ou seja, não existe um não comportamento ou ainda, um indivíduo não pode não se comportar.

Sendo assim (WATZLAWICK, 1998, p.45):

[...] se está aceito que todo o comportamento em uma situação interacional, tem valor de mensagem, isto é, comunicação, segue-se que, por muito que o indivíduo se esforce, é lhe impossível não comunicar. Atividade ou

---

<sup>33</sup> Musicoterapeuta formado pelo UniFMU – São Paulo. Sócio-fundador, coordenador geral e musicoterapeuta do Centro de Musicoterapia Benenzon Brasil (CMBB). Em processo de formação no Modelo Benenzon de Musicoterapia (MBMT) desde 2003. E-mail:

inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando.

Partindo-se desta premissa, os autores referem-se então às várias unidades de comunicação (comportamento) e, para tal, procuraram selecionar termos que já são geralmente compreendidos. Uma unidade comunicacional isolada será chamada de *mensagem*, ou quando não houver possibilidade de confusão, *uma* comunicação. A uma série de mensagens trocadas entre pessoas chamaremos *interação*. (Para os que anseiam por uma quantificação mais precisa, diremos apenas que a seqüência a que nos referimos pelo termo “interação” é maior do que uma mensagem, mas não infinita).

A impossibilidade de não comunicar é um fenômeno de interesse mais do que simplesmente teórico. Um exemplo citado na publicação de Watzlawick, (1998, p.46), faz parte do “dilema” esquizofrênico:

Se o comportamento esquizofrênico for observado pondo de lado considerações etiológicas, parecerá que o esquizofrênico tenta não comunicar. Mas com o disparate, o silêncio, o enstimesmamento, a imobilidade (silêncio corporal) ou qualquer outra forma de renúncia ou negação é, em si, uma comunicação, o esquizofrênico defronta-se com a tarefa impossível de negar que está comunicando e, ao mesmo tempo, negar que a sua negação é uma comunicação.

Destacando a importância da comunicação para o ser humano, utilizaremos uma frase de Benenzon (2002, p.39) onde o autor afirma que “o prazer que os indivíduos obtêm da comunicação quando esta funciona bem, constitui a força motriz que os induz a buscar relações humanas [...]. *A comunicação gratificante é a pedra angular da saúde mental*”.

## Comunicação Digital e Analógica

A musicoterapia tem como principal ferramenta de trabalho todos os elementos do contexto não-verbal, dentre eles os sons, o movimento e a música, sendo todos estes elementos utilizados como possibilidades para se estabelecer uma relação vincular com o outro.

Quando falamos musicoterapia, obrigatoriamente nos remetemos à comunicação analógica.

Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1998) sempre que se usa uma palavra para denominar alguma coisa, é evidente que a relação entre o nome e a coisa denominada é arbitrariamente estabelecida. As palavras são sinais arbitrários que se manipulam de acordo com a sintaxe lógica da linguagem. Por exemplo, não existe qualquer motivo particular para que as quatro letras “g-a-t-o” denotem o determinado animal.

Sendo assim, no momento em que fazemos este relato utilizamo-nos da comunicação digital, ou seja, signos convencionais e palavras para nomear algo.

Já na comunicação analógica, existe algo particularmente “como-coisa” naquilo que é usado para expressar o objeto. A comunicação analógica pode referir-se mais facilmente à coisa que representa, tendo suas raízes em períodos muito mais arcaicos da evolução e, portanto, é de muito maior validade geral do que o relativamente recente e muito mais abstrato modo digital de comunicação.

Sobre comunicação analógica (WATZLAWICK, BEAVIN E JACKSON, 1998, p.57):

[...] comunicação analógica, virtualmente, é toda a comunicação não verbal. Este termo, entretanto, é equívoco, porque está freqüentemente restringido aos movimentos corporais, apenas, ao comportamento cinético. Nós sustentamos que o termo deve abranger postura, gestos, expressão facial, inflexão da voz, seqüência, ritmo e cadência das próprias palavras, assim como pistas comunicacionais infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra.

O homem é o único organismo conhecido que usa os modos de comunicação analógico e digital. De fato a maioria se não a totalidade das relações civilizadas seria impensável sem que ele tivesse desenvolvido uma linguagem digital.

Um exemplo claro de comunicação analógica encontra-se relatada em Watzlawick, Beavin e Jackson (1998, p.58):

[...] quando eu abro a geladeira e o gato vem roçar nas minhas pernas, miando, isso não significa “Eu quero leite” – como um ser humano expressaria – mas invoca uma relação específica, “Seja mãe para mim”, porque tal comportamento só é observado em crias, e relativamente a gatos adultos; nunca, porém, entre dois animais adultos. Inversamente, muitos amigos de animais domésticos estão convencidos de que os seus bichos de estimação “entendem” o que eles dizem. O que o animal entende, seria desnecessário dizer. Não é certamente o significado das palavras, mas a riqueza da comunicação analógica que acompanha a fala. “Com efeito, sempre que a relação é o ponto central da comunicação, verificamos que a linguagem digital é quase anódina”.

Benenzon (1998, p.55) postula que “[...] devemos tratar a comunicação verbal e a não-verbal como uma unidade total e indivisível. Sobretudo, porque se necessitam mutuamente” (BENENZON, 1998, p.55).

## **Segunda Etapa De Trabalho Com A Criança Autista: Algumas Considerações**

Após todos os conceitos apresentados anteriormente, podemos agora levantar alguns pontos importantes a serem observados durante uma sessão de musicoterapia com a criança autista, tendo como foco principal da discussão, o segundo nível de trabalho: o nível de comunicação.

Segundo Benenzon (2002), o nível de comunicação consiste na fase em que a criança autista se comunicará com

o musicoterapeuta, ou seja, o musicoterapeuta começará a trabalhar de forma ativa com a criança.

Importante ressaltar que o segundo nível de trabalho só se inicia após todos os passos do primeiro nível serem realizados, ou seja, já existem canais de comunicação abertos na criança, já se descobriu um instrumento que se transformará em objeto intermediário e, portanto, o musicoterapeuta já pode entrar em contato direto com ela.

Para darmos continuidade, se faz importante aqui apresentar os três passos seqüenciais de uma sessão de musicoterapia postulados por Benenzon.

Segundo Benenzon (1998, p.77), “no primeiro momento de uma sessão, o musicoterapeuta deve abster-se de atuar, o que chama de momento de observação”. Para o autor, esta posição de receptividade permite ao musicoterapeuta escutar, perceber, receber, aceitar e compreender todas as expressões do paciente. Podemos dizer que se trata de um momento de observação ativa.

Importante ressaltar que neste momento de observação, “o corpo do musicoterapeuta está em pleno funcionamento, ainda que não se mova nem emita nenhuma sonoridade” (BENENZON, 1998, p.77).

Frente à impossibilidade do ser humano não se comunicar, como descreveu Watzlawick, este primeiro momento da sessão se torna de extrema importância, visto que, todo o comportamento da criança tem um valor de mensagem. Todas as mensagens da criança poderão ser utilizadas pelo musicoterapeuta, apesar de nem todas as mensagens terem uma intenção de comunicação. Alguns exemplos dessas mensagens são: gritos, gestos, vocalizações, movimentos, ou seja, todos os elementos que constituem a comunicação analógica.

Ainda dentro deste momento de observação, todas as expressões da criança causam um impacto na memória não-verbal do musicoterapeuta.

Este impacto na memória não-verbal do musicoterapeuta desencadeia o segundo momento da sessão, que é chamado de associações corpóreo-não-verbais.

Inicia-se então, o momento de interação entre a criança autista e o musicoterapeuta que no conceito de Watzlawick, Beavin e Jackson (1998) pré definem o termo interação como, “[...] uma série de mensagens trocadas entre pessoas”.

Durante a interação, o musicoterapeuta utiliza-se de todas as mensagens expressas pelo paciente, objetivando transformá-las em comunicação, cabendo ao profissional, ter habilidade de utilizar e transformá-las em comunicação, mesmo aquelas que aparentemente não tenham intenção comunicativa.

Importante ressaltar que o vínculo que se estabelece entre o musicoterapeuta e a criança é muito particular em cada caso. Durante o processo vão se estabelecendo dentro do espaço vincular, o tempo terapêutico, a distância ótima e todos os demais fenômenos particulares de cada vínculo.

Outra característica importante neste segundo momento da sessão consiste no pleno funcionamento do objeto intermediário ou do objeto integrador, tendo ambos como função, fluidificar as energias de comunicação entre a criança e o musicoterapeuta.

Sobre a função do objeto intermediário durante a interação entre musicoterapeuta e paciente, Benenzon (2002, p.192) afirma:

O musicoterapeuta tentará com este instrumento criar um vínculo direto com o paciente. Para este passo, não só utilizará os instrumentos, senão também o movimento, os gestos, etc. [...]. Quando um musicoterapeuta utiliza como instrumento seu próprio corpo, como, por exemplo, sua voz ou as palmas [...] podemos falar de objeto intermediário corporal que reúne algumas características que o diferenciam do instrumento. Por exemplo, que deixa de ser inócuo.

O objeto intermediário e integrador são de grande eficácia na transformação das mensagens estereotipadas e aparentemente sem intenção de comunicação. São estes objetos que permitirão a passagem de energias de comunicação entre o musicoterapeuta e a criança autista.

O terceiro momento de uma sessão de musicoterapia é chamado de distanciamento reflexivo-ativo.

Benenzon (1998, p.77) afirma que neste momento, “[...] o musicoterapeuta deixa de atuar e dissocia sua atenção entre o que está ocorrendo fora e o que está ocorrendo nele mesmo”.

Afirma ainda que “é o momento de maior contato com as sensações contratransferenciais [...]” (BENZON, 1998, p.79).

Estas três etapas ocorrem e podem se repetir várias vezes durante a mesma sessão. De acordo com o vínculo estabelecido com a criança, o musicoterapeuta saberá exatamente o momento de realizar cada etapa durante a sessão.

Concluindo, verificamos frente a todos estes passos descritos acima, a importância de o musicoterapeuta estar atento e receptivo frente às expressões da criança autista, pois as mensagens acontecem a todo o momento. Cabe ao musicoterapeuta, utilizando-se de todos os recursos do contexto não verbal, transformar essas mensagens em novos canais de comunicação.

Outro ponto importante se observa na importância do constante treinamento do musicoterapeuta no manejo da comunicação não verbal, devido à sua complexidade e diversas possibilidades de utilização.

## Referências

BENZON, R.O. La Nueva Musicoterapia. Buenos Aires: Lumen, 1998.

BENZON, R.O. MUSICOTERAPIA: De la teoría a la práctica. Buenos Aires: Paidós, 2002.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J.H.; JACKSON, D. D. Pragmática da Comunicação Humana: Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

## TOCAR SEM TOCAR

### Uma perspectiva de técnica musicoterapêutica a partir da tecnologia digital como ferramenta

Paulo Roberto Suzuki<sup>34</sup>, autor  
MT Lilian M. E. Coelho<sup>35</sup>, orientadora

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a possibilidade de uso de controladores musicais não táteis em processos didáticos e terapêuticos da musicoterapia. Para tal, inspira-se no *Theremin*, instrumento musical eletrônico que se toca, sem tocá-lo fisicamente. Mostra possíveis benefícios e formas de exploração, linhas de pesquisa para viabilização terapêutica, técnica e econômica; convida a refletir sobre novas questões e atualização da musicoterapia no sentido tecnológico.

**Palavras-chave:** musicoterapia, theremin, tecnologia, MIDI, computador, “cross-mídia, gesto, movimento.

**Abstract:** This work has the objective to present and discuss a possibility of using non-touchable musical controllers in and therapeutic from music therapy. Inspired by *Theremin*, an electronic musical instrument which is played without physical touch. It shows possible benefits and ways of exploration, research lines for therapeutic, technical and economical feasibility; invites to a reflexion about new music therapy questions in technological way.

---

<sup>34</sup> Paulo Roberto Suzuki (suzuki@pobox.com) – graduado em computação pela Universidade Mackenzie, músico, pós-graduando em “Investigação em Musicoterapia” pelo Centro Universitário FMU (S.Paulo, SP). Professor da disciplina Linguagem Sonora e Computer Music no curso de pós-graduação de Design e Multimídia da UNIFRAN. Consultor em tecnologia da informação, EAD, mídia e conteúdo. Diretor da eMind Tecnologia. Membro da APEMESP, Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo.

<sup>35</sup> Lilian M. E. Coelho – musicoterapeuta clínica, mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, docente em cursos de graduação e pós-graduação em musicoterapia.